

INFERÊNCIAS BÍBLICAS NA PROSA ROMANESCA MACHADIANA *ESAÚ E JACÓ*

Prof. Dr. Manoel Freire¹ (UERN)
Mestranda Maria Eveuma de Oliveira² (UERN)
Mestranda Maria Gorete Torres Paulo³ (UERN)
Mestrando Sérgio Wellington Freire Chaves⁴ (UERN)

RESUMO:

O tema clássico do antagonismo entre irmãos, cujas raízes remontam às narrativas bíblicas, representa um dos pilares do romance *Esaú e Jacó* de Machado de Assis. A luta política, ideológica e amorosa entre Pedro e Paulo aponta para o nacional como espaço de contradições sociais irreconciliáveis. Observando a tradição literária de Machado, é que mostraremos como o autor tece sua narrativa a partir da intertextualidade bíblica de forma grandiosa. É nesta perspectiva que o presente artigo tem por objetivo observar as inferências bíblicas na obra machadiana *Esaú e Jacó*; os quais dialogam, claramente, com a narrativa dos gêmeos de Rebeca, em *Gênesis*, capítulos 25-35. Nosso artigo está ancorado nos estudos de SANT'ANNA (2007), CARVALHAL (2006), CANDIDO (2004) entre outros que respaldarão as reflexões que desenvolvemos no nosso trabalho.

Palavras-chave: *Esaú e Jacó*, Intertextualidade, Narrativa bíblica.

Considerações Iniciais

Este artigo pretende observar as inferências bíblicas na obra machadiana *Esaú e Jacó*, a qual narra a história do relacionamento conflituoso entre os gêmeos Pedro e Paulo, e um dos episódios narrativos de maior significância da *Bíblia Sagrada*, em princípio, para judeus e árabes e, *a posteriori*, para todas as nações, tanto orientais como ocidentais: a saga de Esaú e Jacó.

¹ Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). mariaeveuma@bol.com.br

² Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). goretetorres@hotmail.com

³ Discente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). sergiofreire13@yahoo.com.br

⁴ Docente do Mestrado Acadêmico em Letras, do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). manoelfr@gmail.com

Percebe-se a intertextualidade de imediato na relação entre o romance *Esau e Jacó* com a própria narrativa bíblica dos homônimos, pois, a mesma aparece como sendo uma transcrição literal no romance de Machado de Assis.

Considerando a fonte bíblica da narrativa onde Rebeca, mulher de Isaac, segundo o *Velho Testamento*, no livro de *Gênesis*: 25: 22, sabe-se grávida e desconfia que seus gêmeos “brigavam dentro dela” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 71). Javé é logo consultado e profere a seguinte predição: “Há duas nações em teu seio, dois povos, saídos de ti, separar-se-ão, um povo dominará um outro povo” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 71). Na bem tecida narrativa machadiana os fatos se passam de modo diverso. A cabocla que era afamada – “sortista” ou adivinha que morava no morro do Castelo, no Rio de Janeiro, que prevê para os gêmeos um futuro luminoso, muito embora o augúrio seja indeterminado – é que interpela Natividade a respeito da possível discórdia, subvertendo o texto bíblico do seguinte modo: “(...) pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra?” (ASSIS, 2005, p. 12). Ao que a mãe admite o ocorrido.

É assim que Machado de Assis usa o tecido bíblico para construir o romance *Esau e Jacó*. É através da intertextualidade na obra que mostraremos o fio condutor da narrativa que se faz presente na genialidade desse grande escritor.

1 A intertextualidade bíblica na obra de Machado de Assis

A noção de intertextualidade, que surgiu na década de 60, se constitui em um modo de pensar sobre textos e de ler textos, nascido da proposta desconstrucionista abraçada pelos teóricos e críticos pós-estruturalistas. Para tais autores, escritores ao criar textos ou usar palavras o fazem com base em todos os outros textos e palavras com que deparam e os leitores lidam com os textos da mesma forma.

Parafraseando Carvalhal (2006, p.50), foi na esteira de Tynianov e de Bakhtin que Julia Kristeva chegou à noção de “intertextualidade”, para designar o processo de produtividade do texto literário. Essa produtividade existe porque, como diz Kristeva, “todo texto é absorção e transformação de outro texto. Em lugar da noção de intersubjetividade, se instala a de intertextualidade, e a linguagem poética se lê, pelo menos, como dupla”, (apud Carvalhal, 2006, p. 50).

Observamos, nessa afirmação, que o texto novo surge a partir da absorção e da transformação de um texto anterior.

Embora Julia Kristeva (1972) tenha querido desvincular a questão da intertextualidade do estudo de fontes, na verdade o conceito contribuiu para que ele fosse renovado. Principalmente porque ele abala a velha concepção de influência, desloca o sentido de dívida antes tão enfatizado, obrigando a um tratamento diferente do problema. Como adverte Laurent Jenny em seu ensaio “A estratégia da forma” (apud CARVALHAL, 2006, p. 51), a intertextualidade: “Designa não uma soma confusa e misteriosa de influências, mas o trabalho de transformação e assimilação de vários textos, operado por um texto centralizador, que detém o comando do sentido”.

O que era entendido como uma relação de dependência, a dívida que um texto adquiria com seu antecessor, passa a ser compreendido como um procedimento natural e contínuo de reescrita de textos.

Sabemos que a repetição (de um texto por outro, de um fragmento em um texto, etc.) nunca é inocente. Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, dar uma significação ao texto anterior, “atualiza-o, renova-o e reinventa” (Carvalho, 2006, p.54).

Isso comprova que a invenção não está vinculada à ideia do “novo”. E mais, que as ideias e as formas não são elementos fixos e invariáveis. Ao contrário, elas se cruzam continuamente e, como observou Machado de Assis, em *Esaú e Jacó*: “as próprias ideias nem sempre conservam o nome do pai; muitas aparecem órfãs, nascidas de nada e de ninguém. Cada um pega, verte-as como pode, e vai levá-las à feira, onde todos as têm por suas” (ASSIS, 2005, p.68).

Podemos observar a partir do pensamento machadiano que as ideias podem servir de base para a construção do pensamento, afinal estas podem ser asseguradas e moldadas da forma que lhes convier, pois uma vez tornando-se propriedade de outrem elas podem ser usadas da forma que lhes couber.

Machado cita o texto bíblico como elemento que norteia toda sua construção narrativa: “O doutor foi à estante e tirou uma Bíblia, encadernada em couro, com grandes fechos de metal. Abriu a *Epístola de S. Paulo aos Gálatas*, e leu a passagem do capítulo II, versículo 11, em que o apóstolo conta que, indo a Antioquia, onde estava S. Pedro, ‘resistiu-lhe na cara’” (ASSIS, 2005, p.35). A passagem do texto machadiano ora citado comprova a intertextualidade, utilizada pelo autor de forma literal, quando

observamos a seguinte passagem bíblica: “Quando, porém, Cefas veio a Antioquia, resisti-lhe na cara, porque era repreensível” (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p.1493).

Para Kristeva (1974, p.64) “qualquer texto é construído em termos de um mosaico de citações, qualquer texto é a absorção e a transformação de outro”.

A noção de intertextualidade leva em conta não só o texto literário, mas todo e qualquer texto, verbal ou não, sem recorrer aos conceitos tradicionais de autoria. Torna, também, menos claros os contornos do livro dispersando sua imagem de totalidade em um tecido ilimitado de conexões, associações, fragmentos, textos e contextos.

À luz da intertextualidade o ato de escrever é sempre uma interação que também é uma reiteração - uma reescrita que traz ou desloca para o primeiro plano textos ou traços de vários textos de forma consciente ou não.

Ao observarmos o romance *Esaú e Jacó* podemos considerar a fonte bíblica da narrativa a partir do título da obra. Machado de Assis cria laços de afinidades com os homônimos no livro de *Gênesis*. Busca elementos de cunho bíblico e mitológico para construir sua obra de forma simples e instigante. É através da intertextualidade que conduz sua narrativa levando o leitor ao deleite de sua escrita uma forma prazerosa e dialógica de se envolver na trama posta pelo escritor.

Esaú e Jacó tematiza a saga de dois gêmeos que dramatizam a disputa por hegemonia. A inspiração bíblica motiva o desdobramento da discórdia, da disputa e da impossível conciliação. O que norteia todo o texto é a briga que os gêmeos Pedro e Paulo, teriam tido na barriga da mãe, assim como, os gêmeos Esaú e Jacó da história bíblica. Profecia determinada aos gêmeos ainda no ventre da mãe o qual o autor cita na obra fazendo uma alusão ao texto bíblico em que haveria duas nações no seio de Rebeca, dois povos, saídos dela, que se separariam, onde um povo dominaria outro povo.

O texto bíblico se faz presente na obra *Esaú e Jacó* de forma intertextual fazendo uma alusão ao comportamento dos gêmeos da narrativa machadiana. Percebemos pelo texto a briga entre os irmãos pelo regime que cada um escolheu. A política vigente na vida dos dois que a cada dia os separava ainda mais, era a causa das diferenças que os separavam constantemente.

No capítulo XLIV, intitulado de O Salmo, o personagem Paulo leu um artigo para a família e para o Conselheiro Aires – amigo e conselheiro dos gêmeos. O artigo tinha por epígrafe uma passagem de *Amós*:

“Ouvi esta palavra, vacas gordas que estai no monte de Samaria...” As vacas gordas eram o pessoal do régimen, explicou Paulo. (...) Pedro diz em ar de mofa: - Conheço tudo isso, são ideias paulistas. - As tuas são ideias coloniais, replicou Paulo (ASSIS, p. 79, 2005).

Durante o almoço, ainda se falou do artigo: Paulo ainda se declarou capaz de “derribar a monarquia com dez homens”, e Pedro de “extirpar o gérmen republicano com um decreto” (Assis, 2005).

Na obra que visivelmente é um mosaico de citações bíblicas, a narrativa segue seu curso. Enfim, os liberais foram chamados ao poder que os conservadores tiveram de deixar. D. Cláudia, mãe de Flora – mulher por quem os gêmeos nutriam uma grande paixão – proferiu as seguintes palavras:

“Vai-te, Satanás; porque escrito está: Ao Senhor teu Deus adorarás, e a ele servirás”. E seguiu-se como na Escritura: “Então o deixou o diabo; e eis que chegaram os anos e o serviram”. “Também se devem perdoar. Em suma, o perdão chega ao Céu. Perdoai-vos uns aos outros, é a lei do Evangelho. Bem aventurados os que ficam, porque eles serão compensados” (ASSIS, 2005, p.93-94).

A presença constante das referências bíblicas vai conduzindo a narrativa de Machado através das falas dos personagens. Ela vai sobrepondo-se em todo texto formando o tecido que comanda toda obra:

A sonata trazia a sensação da falta absoluta de governo, a anarquia da inocência primitiva naquele recanto do Paraíso que o homem perdeu por desobediente, e um dia ganhará, quando a perfeição trouxer a ordem eterna e única. Não haverá então progresso nem regresso, mas estabilidade. O seio de Abraão agasalha todas as cousas e pessoas, e a vida será um céu aberto. Era o que as teclas lhe diziam sem palavras, ré, ré, lá, sol, lá, lá, lá, dó... (ASSIS, 2005, p. 125).

Podemos afirmar que a intertextualidade é, sem sombra de dúvida, visível na obra *Esau e Jacó*. O autor utiliza as inferências bíblicas como pano de fundo para compor sua narrativa através de uma linguagem simples que perpassa toda sua criação literária.

2 O nascimento de *Esau e Jacó*: a inferência bíblica que constrói a narrativa machadiana

A história de Jacó e de Esaú revela que a rivalidade começou mesmo antes do nascimento, na barriga da mãe e continuou até a vida adulta, quando Jacó persuadiu Esaú a vender seus direitos de primogenitura.

Isaac casou com Rebeca, neta de Nacor, irmão de Abraão. Deus deu-lhe dois filhos gêmeos. O primeiro era muito peludo, chamou-se Esaú; o segundo recebeu o nome de Jacó. Esaú tornou-se hábil caçador; Jacó gostava de viver na sua tenda. Segundo *Gênesis*, 25: 21-34:

E Isaac orou instantaneamente ao Senhor por sua mulher, porquanto era estéril; e o Senhor ouviu as suas orações, e Rebeca sua mulher concebeu. E os filhos lutavam dentro dela; então disse: Se assim é, por que sou eu assim? E foi-se a perguntar ao Senhor. E o Senhor lhe disse: *Duas nações há no teu ventre, e dois povos se dividirão das tuas entranhas, e um povo será mais forte do que o outro povo, e o maior servirá ao menor.* E cumprindo os seus dias para dar à luz, eis gêmeos no seu ventre. E saiu o primeiro ruivo e todo como um vestido cabeludo, por isso chamaram o seu nome Esaú. E depois saiu o seu irmão, agarrada sua mão ao calcanhar de Esaú: por isso se chamou o seu nome de Jacó. E cresceram os meninos, e Esaú foi varão perito na caça, varão do campo; mas Jacó era varão simples, habitando em tendas. E amava Isaac a Esaú, porque a caça era de seu gosto; mas Rebeca amava a Jacó. E Jacó cozera um guisado; e veio Esaú do campo, e estava ele cansado; E disse Esaú a Jacó: Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou cansado. Por isso se chamou o seu nome Edom. Então disse Jacó: Vende-me hoje a tua primogenitura. E disse Esaú: Eis que estou a ponto de morrer, e para que me servirá logo a primogenitura? Então disse Jacó: Jura-me hoje. E jurou-lhe e vendeu a sua primogenitura a Jacó. E Jacó deu pão a Esaú e o guisado das lentilhas; e este comeu, e bebeu, e levantou-se, e foi-se. Assim desprezou Esaú a sua primogenitura (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p.71-72, **grifo nosso**).

Esaú e Jacó é uma história que trata da relação entre os filhos gêmeos de Isaac e Rebeca. Segundo a tradição, o filho primogênito tinha direitos exclusivos. Rebeca ajudou o mesmo a passar-se por Esaú, para roubar o direito deste. Estando velho e quase cego, Isaac disse a Esaú: "Toma o teu arco, vai à caça e traz-me o guisado de que eu gosto para eu te abençoar antes de morrer" (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 73). Logo que Esaú saiu, Rebeca disse a Jacó: "Meu filho, vai escolher no rebanho dois dos melhores cabritos; com eles farei para teu pai um prato como ele gosta e tu irás levá-lo para ele te abençoar antes de morrer" (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 71).

Depois de ter preparado o prato, Rebeca vestiu a Jacó com as roupas de seu irmão Esaú; cobriu-lhe o pescoço e as mãos com a pele dos cabritos e mandou-o a Isaac, seu pai. O velho mandou Jacó se aproximar, apalpou-lhe as mãos e o pescoço, mas não o reconheceu. Depois de ter comido, Isaac abençoou Jacó e disse: "Deus te dê do orvalho do céu e da fertilidade da terra. As nações hão de inclinar-se diante de ti e tu serás o senhor de teus irmãos. Maldito seja quem te amaldiçoar e bendito quem te abençoar!" (BÍBLIA SAGRADA, 2005, p. 74). Foi assim que Jacó se tornou herdeiro das promessas.

A história dos irmãos inspirou o livro de Machado de Assis, que também relata a rivalidade entre os gêmeos, tendo a mãe no centro da disputa, mas neste caso a mãe não tem preferência por nenhum dos filhos e passa toda sua vida querendo uni-los para que deixem a disputa que os acompanha desde o nascimento de ambos.

No caso da revisitação da história bíblica da rivalidade familiar, Machado prepara iguarias com temperos próprios. O sabor se renova à medida que o escritor doa sentidos próprios a essa trama mítica. Conforme alerta Benedito Nunes (2007), no texto bíblico a legenda dos irmãos adversos é um mito de conciliação. Entretanto, o filão que abastece *Esaú e Jacó* é o do violento antagonismo, uma vez que na trama não prepondera à harmonia final entre os gêmeos. Diferentemente da história bíblica onde os irmãos se reconciliam.

Portanto, podemos afirmar que um elo historicista se estabelece com a obra ficcional machadiana e o episódio bíblico de *Gênesis*.

3 O nascimento dos gêmeos: estavam predestinados...

Natividade dá à luz a dois gêmeos idênticos. Um deles ganhará na pia batismal o nome Paulo; o outro, Pedro. Sob pressentimento que surgiu numa gestação difícil, e preocupada com o futuro dos dois pequenos, Natividade e a irmã Perpétua decidem visitar o morro do Castelo, do Rio de Janeiro imperial, a fim de consultar uma afamada cabocla – “sortista” ou adivinha – e dissipar as constantes preocupações. A consultada indaga à consulente se seus filhos teriam brigado ainda no ventre materno, e prevê para ambos um futuro luminoso, muito embora o augúrio seja indeterminado. E não foi seu grande espanto que lhe ouviu perguntar se os meninos tinham brigado antes de nascer:

- Brigado?
- Brigado, sim, senhora.
- Antes de nascer?
- Sim, senhora, pergunto se não teriam brigado no ventre de sua mãe; não se lembra? Natividade, que não tivera a gestação sossegada, respondeu que efetivamente sentira movimentos extraordinários, repetidos, e dores, e insônias... Mas então que era? Brigariam por quê? A cabocla não respondeu. (...) _ Serão grandes, Oh! grandes! Deus há de dar-lhes muitos benefícios. Eles hão de subir, subir, subir... Brigaram no ventre de mãe, que tem? Cá fora também se briga. Seus filhos serão gloriosos. É! Só o que lhe digo. Quanto à qualidade da glória, cousas futuras! (ASSIS, 2005, p.11-12).

A narrativa é explícita em relação ao fato da disputa das crianças que antecede, até mesmo ao nascimento. Observamos isso em várias passagens do texto; como exemplo, podemos citar o capítulo XIV, A lição do discípulo, no qual Santos, pai dos gêmeos, em conversa com o Conselheiro Aires fala sobre a possibilidade de crianças brigarem antes de nascer. Aires afirma que Esaú e Jacó brigaram no seio materno, e isso seria verdade. Conhece-se a causa do conflito que seria a briga antes mesmo do nascimento. Acrescenta ainda, quanto a outros, Pedro e Paulo, dado que briguem também, tudo está em saber a causa do conflito, e não sabiam, “porque a Providência a esconde da notícia humana... Se fosse uma causa espiritual, por exemplo... Se estas quisessem ajoelhar-se ao mesmo tempo para adorar o Criador” (ASSIS, 2005, p. 34). Dizendo que ali estava um caso de conflito, mas de conflito espiritual, cujos processos escapariam à sagacidade humana. Também poderia ser um motivo temporal. Supondo a necessidade de que eles se acotovelarem para ficar melhor acomodados; seria uma hipótese que a ciência aceitaria; isto ele não sabia... Havia ainda o caso de quererem ambos à primogenitura.

Santos faz exposição da consulta à cabocla. Não esqueceu nem escondeu nada; contou a própria ida da mulher ao Castelo, com desdém, é verdade, mas ponto por ponto. Plácido, amigo da família, ouvia atento, perguntando, voltando atrás, e acabou por meditar alguns minutos. Enfim, declarou que o fenômeno, caso se houvesse dado, era raro, se não único, mas possível. Já o fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também.

Conselheiro Aires diz: “foi posterior, sei, mas os nomes podem ter sido predestinados, tanto mais que a escolha dos nomes veio, como o senhor me disse, por inspiração à tia dos meninos”. (ASSIS, 2005, p. 35). Santos, por sua vez, continua afirmando que D. Perpétua, irmã de Santos, era muito devota. E acreditava que os

próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo houvessem escolhido aquela senhora para inspirar os nomes que estavam no Credo; “advirta que ela reza muitas vezes o Credo, mas foi naquela ocasião que se lembrou deles” (ASSIS, 2005, p.35).

Portanto, as vidas dos gêmeos já estavam predestinadas desde a previsão da cabocla do Castelo em relação ao futuro deles quanto à escolha dos seus nomes.

4 Identificação pelas medalhas: a simbologia dos nomes Pedro e Paulo

Os personagens dos romances *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, publicado em 1904 e o episódio da narrativa bíblica, no qual se encontra a saga dos homônimos, atribuída a Moisés, entrecruzam-se num diálogo de equivalências diacrônicas e intertextualizadas. Portanto, a nominalização das pessoas e das coisas nos relatos não é sem propósito, como se observa no trecho da obra machadiana:

Antes do parto, tinham combinado em dar o nome do pai ou da mãe, segundo fosse o sexo da criança. Sendo um par de rapazes, e não havendo a forma masculina do nome materno, não quis o pai que figurasse só o dele. A mãe propunha franceses ou ingleses, conforme os romances que lia (...) Um dia estava Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: “... os santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo”, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram com ela e a pendência acabou (ASSIS, 2005, p. 23).

Os nomes dos protagonistas machadianas remetem a dois dos apóstolos exponenciais da Era Cristã: Pedro, o apóstolo da primeira mensagem após a assunção de Cristo, e Paulo, de perseguidor da Eclésia a perseguido pela causa cristã.

Ao acentuar o fado dos dois gêmeos, sobrevém o batismo destes com o nome dos apóstolos do *Novo Testamento* que guardavam recíproco ressentimento: Pedro e Paulo. Ao nascerem difícil foi a escolha dos nomes já que não imaginavam ser gêmeos. Até que por “inspiração divina” no meio das suas orações eis que Perpétua tem um instalô e de repente os dois nomes vem de forma indissociável:

(...) Um dia, estando Perpétua à missa, rezou o Credo, advertiu nas palavras: “... os santos apóstolos S. Pedro e S. Paulo”, e mal pôde acabar a oração. Tinha descoberto os nomes; eram simples e gêmeos. Os pais concordaram

com ela e a pendência acabou. O achado dos nomes valia quase que pela feitura das crianças. _ Pedro e Paulo, disse Perpétua à irmã e ao cunhado, quando rezei estes dous nomes, senti uma cousa no coração... (ASSIS, 2005, p.24).

E assim, os pequenos, que se distinguiam por uma fita de cor, passaram a receber medalhas de ouro, uma com a imagem de S. Pedro, outra com a de S. Paulo. O fato de se chamarem Pedro e Paulo indicava alguma rivalidade, porque esses dois apóstolos brigaram também.

Em uma de suas cartas, a Epístola aos Gálatas, percebe-se a tensão existente entre Paulo e os doze apóstolos que conviveram com Cristo. Nela, Paulo afirma que enfrentou abertamente Pedro, em Antioquia, porque ele se tornara digno de censura. O motivo da briga foram dois preceitos alimentares judaicos. Pedro defendia que os neocristãos não poderiam sentar-se à mesa com gentios – seus iguais até pouco antes. Deveriam também rejeitar sobras de carnes de animais sacrificados aos deuses pagãos. Paulo discordava e teve uma acirrada discussão com Pedro.

É bastante expressivo o princípio da dialética em Machado de Assis, autor que transita entre o sim e o não, em estado permanente de controvérsia. Em *Esau e Jacó*, os sentimentos de conflito, de contraste, dão a tônica ao romance. Os prós e contras das coisas surgem ao longo de toda a narrativa, seja nas posições políticas antagônicas dos irmãos – Monarquia e República ao final nada mais representam do que faces da mesma moeda – seja no caso da paixão de Flora por Pedro e Paulo. Segundo Antonio Candido (2004, p.26):

Os irmãos optam e agem sem parar, porque são as alternativas opostas; mas ela, que deve identificar-se com uma ou com outra, se sentiria reduzida à metade se o fizesse, e só a posse das duas metades a realizaria; isto é impossível, porque seria suprimir a própria lei do ato, que é a opção. Simbolicamente, Flora morre sem escolher.

Flora debate-se intensamente com a dúvida, pois almeja reunir os dois irmãos em um só ser, como na cena em que se perde em devaneios, no capítulo intitulado “A grande noite”. Perturbada pela confusão dos desejos, incapaz de optar entre os gêmeos, a jovem acaba morrendo.

Muitos dos conflitos inerentes, e por que não dizer decorrentes, do relacionamento interpessoal no seio familiar, projetam-se e/ou refletem o conflito sociocultural e político de uma nação. Como no romance de Machado, em que os

gêmeos Pedro e Paulo se batem em disputa político-ideológica atroz: o primeiro era republicano; o segundo, monarquista:

A imaginação os levou então ao futuro, a um futuro brilhante com ele (...) Botafogo teria um papel histórico, uma enseada imperial para Pedro, uma Veneza para Paulo (...) Esta possibilidade (...) enfunou a alma do moço. Paulo viu-se à testa de uma república, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América. Pedro, à sua parte construía a meio caminho como um palácio para a representação nacional, outro para o imperador, e via-se a si mesmo ministro e presidente do conselho (ASSIS, 2005, p.66-67).

No trecho da obra machadiana referida, há uma clara e relevante autodefesa em relação à crítica de que suas narrativas não problematizavam as questões emergentes de uma sociedade em busca de uma identidade nacional. O momento político é conturbado e desafiador: a Proclamação da República, em 1889, e o fim do regime escravocrata, no ano anterior, na realidade, por questões de autos sustentação, fizeram dos escravos sujeitos devedores, então.

Os personagens são marcados por impulsos contraditórios e, por isso, não podem ser classificados em bons ou maus. Então, no mundo machadiano tudo passa a ser relativo, variável de acordo com o ponto de vista que se assume diante das coisas. “Todos os contrastes estão no homem” (ASSIS, 2005, p. 64).

Em verdade, qualquer outra viveria a tremer pela sorte dos filhos, uma vez que houvera a disputa anterior e interior. Agora as lutas eram mais frequentes, as mãos cada vez mais aptas, e tudo fazia recear que eles acabassem estripando-se um ao outro... “Mas aqui surgia a ideia da grandeza e da prosperidade, - cousas futuras! As Sibilas não terão dito só do mal, nem os Profetas, mas ainda do bem, e principalmente dele” (ASSIS, 2005, p. 41).

Paulo era mais agressivo, nasceu no aniversário do dia em que Pedro I caiu do trono, era advogado, via-se à testa de uma república, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América. No capítulo XLIII – O Discurso, Natividade conversando com Santos afirma: “O nosso Paulo é liberal ardente...” “Liberal de 1848”, completou Santos lembrando as palavras de Pedro (ASSIS, 2005, p.77).

Pedro era mais dissimulado, nasceu no aniversário do dia em que Sua Majestade subiu ao trono, era médico, construía a meio caminho como um palácio para a representação nacional, outro para o imperador, e via-se a si mesmo ministro e presidente do conselho. Falava, dominava o tumulto e as opiniões, arrancava um voto à Câmara dos Deputados ou então expedia um decreto de dissolução.

Enfim, como ressalta o crítico Affonso Romano (2007), “a narrativa machadiana desenvolve-se sistematicamente explorando a duplicidade através de um jogo de oposições”, em que Pedro e Paulo estão como “a dualidade básica do livro”.

E assim termina o livro: os gêmeos, agora deputados – “eleitos em oposição um ao outro” – continuavam rivalizando pela vida: eles eram “os mesmos, desde o útero” – assevera o Aires. Assim é o homem, desde a criação, feito à imagem e semelhança de Deus...

5 Eis que a narrativa fala por si...

Ao observarmos o suporte mítico da narrativa podemos afirmar pelo olhar de Afonso Romano Sant’Anna (2007, p.104), que teríamos em *Esau e Jacó* duas fontes mitológicas: uma de inspiração bíblico-cristão e outra clássico-pagã. Na primeira encontramos o título do livro referenciado a estória dos filhos de Isaac. A construção da estória bíblica, no entanto, é bem diversa da estória machadiana. Enquanto na Bíblia os irmãos se separam depois que Jacó usurpa o direito de progeneratura de Esaú, e entre eles se desenvolve uma rivalidade por vários anos, ao final resolvida com uma reconciliação; no romance de Machado a rivalidade entre os gêmeos Pedro e Paulo jamais é sanada. Há pausas, mas nunca o término do conflito. Quanto a segunda matriz (clássico-pagã) o confronto poderia ser estabelecido talvez entre Pedro e Paulo e Castor e Pólux, referidos no último capítulo do livro:

Castor e Pólux foram os nomes que um deputado pôs aos dous gêmeos, quando eles tornaram à Câmara, depois da missa do sétimo dia. Tal era a união que parecia aposta. Entravam juntos, andavam juntos, saíam juntos. Duas ou três vezes votaram juntos, com grande escândalo dos respectivos amigos políticos. Tinham sido eleitos para se baterem, e acabavam traíndo os eleitores. Ouviram nomes duros, repreensões acerbas. Quiseram renunciar ao cargo; Pedro, entretanto, achou um meio conciliatório (ASSIS, 2005, p.195).

No entanto, aí sucede uma divergência. O mito do Castor e Pólux (filhos de Júpiter e Leda) também difere da história de Pedro e Paulo, pois na lenda pagã, fraternalmente, Pólux reparte com Castor a imortalidade concedida por Júpiter, enquanto em Machado os dois irmãos seguem em oposição sistemática.

O mito de Esaú e Jacó serve para introduzir a história ao enfatizar que a rivalidade entre Pedro e Paulo havia, como na narrativa bíblica, se iniciando no ventre da mãe. Já Castor e Pólux apenas ilustram o último capítulo do livro. Colocados os dois mitos, um no princípio e outro no fim não bastam, contudo, para decidir a estrutura do livro.

Como esses dois mitos, outros também são citados no decorrer da narrativa machadiana. Há uma série de referências a figuras mitológicas bíblicas clássicas e estas:

Sempre aparecendo aos pares, como possíveis informadores de uma estrutura antitética, elementos formadores da narrativa. Por exemplo, Sibylla compõe com David uma das dualidades repetindo os polos mitológicos clássicos e bíblicos. O capítulo XV e intitula “Teste David cum Sibylla”, aproveitando um verso do *Dies irae* medieval cantado nas missas dos mortos (SANT’ANNA, p. 105, 2007).

David simboliza o profeta bíblico na linhagem pré-cristã e Sibylla a profetiza da antiga Roma. Na estória de Machado, o confronto entre David/Sibylla identifica-se com a oposição Plácido/Cabocla do Castelo. Quer o narrador dizer que tanto o oráculo bíblico quanto o pagão, tanto a cartomante quanto o espírita da classe média confluem através da mesma profecia, no caso, o futuro dos gêmeos.

E assim a narrativa machadiana se constrói em função do mito e da religião:

Mistério engendra mistério. Havia mais de um elo íntimo, substancial, escondido, que ligava tudo. Briga, Pedro e Paulo, irmãos gêmeos, números gêmeos, tudo eram águas de mistério que eles agora rasgavam, nadando e bracejando com força. Santos foi mais fundo; não seriam os dous meninos os próprios espíritos de S. Pedro e S. Paulo, que renasciam agora, e ele, pai dos dous apóstolos?... A fé transfigura; Santos tinha um ar quase divino, trepou em si mesmo, e os olhos, ordinariamente sem expressão, pareciam entornar a chama da vida. Pai de apóstolos! E que apóstolos! Plácido esteve quase, quase a crer também, achava-se dentro de um mar torvo, soturno, onde as vozes do infinito se perdiam, mas logo lhe acudia que os espíritos de S. Pedro e S. Paulo tinham chegado à perfeição; não tornaria cá. Não importa; seriam outros, grandes e nobres. Os seus destinos podiam ser brilhantes; tinha razão a cabocla, sem saber o que dizia. - Deixe às senhoras as suas crenças da meninice, concluiu; se elas têm fé na tal mulher do Castelo, e acham que é

um veículo de verdade, não as desminta por hora. Diga-lhes que eu estou de acordo com o seu oráculo. Teste David cum Sibylla (de acordo com o testemunho de David) (ASSIS, 2005, p. 36).

Portanto, podemos afirmar que Machado coloca o mito a serviço de sua narrativa e não a narrativa a serviço do mito.

Considerações Finais

Machado de Assis explorou a intertextualidade bíblica, projetando-a numa relação interdiscursiva polêmica com os temas que foram relevantes para sua época e contexto histórico, para os quais a Bíblia serviu de referência, seja para o apoio as ideias e convicções, seja para reavaliar os escritos dos estudos bíblicos que não reforçam a autoridade do magistério eclesiástico católico.

O material bíblico-cristão que o romance traz não se atém apenas à alusão feita no título, rememorando a disputa ocorrida na casa de Isaac. Os próprios nomes dos rapazes trazem uma citação ao *Novo Testamento* e às figuras apostólicas de Pedro e Paulo. O primeiro deles, judeu (descendente de Jacó), e o segundo, gentio e cristão.

Assim, a impossibilidade do pacto fraterno, nesse penúltimo romance machadiano, tem um forte componente alegórico. Com a história dos seus gêmeos, Machado evoca o enredo bíblico para aludir à impossibilidade de uma aliança nacional, capaz de dotar com um espírito de coesão, o Brasil pós- República.

Machado, como se viu, afasta-se do ideológico e usa o mítico e o histórico apenas aspectualmente, a estrutura mesma da narrativa repousa sobre seus referentes internos. Enfim, os modelos de duplicidade, alternância e integração, foram encontrados nos níveis da narração, dos personagens e da linguagem, em *Esaú e Jacó*.

Em outras palavras, esse olhar é apenas um dos múltiplos olhares que se podem lançar sobre a obra de Machado de Assis.

Referências

- ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Fortaleza: ABC Editora, 2005.
- CANDIDO, Antonio. “**Esquema de Machado de Assis**” In: Vários escritos. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas cidades/Ouro sobre Azul, 2004.
- CARVALHAL, Tânia Franco. **Literatura Comparada**. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. “**Machado de Assis na literatura brasileira**” In: ASSIS, J. M. Obra completa. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- NUNES, Benedito. “**Volta ao mito na ficção brasileira**” In CRISTO, Maria da Luz P. (org.) *Arquitetura da memória*. Manaus: Editora da Universidade Federal Amazonas/UNINORTE, 2007.
- SAGRADA, Bíblia. Trad. Monges de Meredsous. 168 ed. São Paulo: Ave-Moura, 2005.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Análise Estrutural de Romances Brasileiros**. São Paulo: Ática, 2007.